

A Importância da Aula de Campo no Ensino e Aprendizagem da Ciência Geográfica

https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/casa_de_makunaima/article/view/592

Pollyana Fontinelle Vilela
Mestre em Recursos Naturais
Universidade Estadual de Roraima/UERR
<http://lattes.cnpq.br/8631950858757598>

Márcia Teixeira Falcão
Doutora em Biotecnologia e Biodiversidade
Universidade Estadual de Roraima/UERR
<https://orcid.org/0000-0003-3190-3192>

Francisleile Lima Nascimento
Mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia
Universidade Federal de Roraima/UFRR
<https://orcid.org/0000-0002-8184-6176>

Maria Dutra Cardoso
Especialista em Geografia com Ênfase no Ensino
Universidade Estadual de Roraima/UERR
mdcardoso0707@gmail.com

Imagem: educacao publica.cecierj.edu.br. "A aula de campo como instrumento facilitador da aprendizagem em Geografia no Ensino Fundamental".

RESUMO

O presente artigo visa analisar a temática do ensino e aprendizagem de geografia, refletindo sobre a metodologia da aula de campo como ferramenta de auxílio no ensino da disciplina de geografia. Portanto, o mesmo tem como objetivo destacar a importância da aula de campo e suas vantagens no ensino e aprendizagem de geografia. A metodologia aplicada ancora-se na pesquisa bibliográfica e explicativa, em função do Método Hipotético-dedutivo, utilizando-se de pesquisa descritiva e explicativa, sob a abordagem da pesquisa qualitativa, análise e discussão de conteúdo. A pesquisa faz uma abordagem do ensino de geografia e seu papel na formação do indivíduo, analisando os principais conceitos e concepções de aula de campo, bem como a aula de campo como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem de geografia. Neste sentido, revelando que a aula de campo proporciona uma quebra de paradigma entre o ensino teórico e prático, pois leva o aluno a desenvolver seus próprios conceitos e, aos docentes, a recriarem seus métodos de aprendizagem. Dessa forma, a estratégia educacional da aula de campo contribui na construção de um novo olhar sobre o conteúdo da sala de aula.

Palavras-chave: Aula de Campo. Ensino-Aprendizagem. Geografia.

ABSTRACT

This article aims to analyze the theme of teaching and learning geography, reflecting on the methodology of the field class as an aid tool in teaching the discipline of geography. Therefore, it aims to highlight the importance of the field class and its advantages in teaching and learning geography. The applied methodology is anchored in bibliographic and explanatory research, according to the Hypothetical-deductive Method, using descriptive and explanatory research, under the approach of qualitative research, analysis and discussion of content. The research approaches geography teaching and its role in the formation of the individual, analyzing the main concepts and concepts of the field class, as well as the field class as a tool in the process of teaching and learning geography. In this sense, revealing that the field class provides a paradigm break between theoretical and practical teaching, as it leads students to develop their own concepts and, to teachers, to recreate their learning methods. In this way, the educational strategy of the field class contributes to the construction of a new look on the content of the classroom.

Keywords: Field class. Teaching-Learning. Geography.



1 INTRODUÇÃO

Compreendendo que a educação atual tem apresentado muitos problemas no fazer ensinar, principalmente em relação à informação, a qual tem se tornado cada vez mais instantânea e de fácil acesso, nota-se que estefatoacaba inutilizando o professor e tornando sua prática de sala de aula enfadonha, contribuindo, assim, para a geração de alunos cada vez mais desinteressados, agitados e indisciplinados, inclusive nas aulas de Geografia (COSTA; COSTA, 2015).

De acordo com Muernchen e Auller (2007), essas situações de desinteresse têm causado grandes entraves para o aprendizado dos alunos e um desconforto para os professores, que se sentem cada vez mais desmotivados em dar aula, com uma carga enorme de conteúdos para ministrar ao longo do ano letivo, e tendo, muitas das vezes, apenas o livro didático como recurso.

Partindo desse princípio, o presente artigo trata da importância das aulas de campo no ensino e aprendizagem de geografia, visando ressaltar as vantagens da aula de campo como metodologia eficaz e muito significativa no ensino e aprendizagem, ampliando os horizontes de possibilidades de compreensão, integração e interação com meio ambiente estudado, proporcionando aulas diferenciadas e mais dinâmicas para o trabalho do professor.

Considerando, segundo Santos (2001), que o processo de ensino e aprendizagem passa pela teoria e pela prática, e que a contextualização da teoria com a prática é fundamental para o discente, pois é na prática que ele poderá vivenciar os conteúdos, tendo a oportunidade de aplicar o conhecimento adquirido nas aulas teóricas, logo, percebe-se a necessidade de se buscar metodologias de ensino que despertem o interesse dos alunos pelo aprendizado significativo e contextualizado, para que eles participem e interajam em seus processos de

construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, o presente artigo faz os seguintes questionamentos: Como as aulas de campo podem se tornar uma prática frequente para os docentes? O que fazer para obter um aprendizado significativo e o fortalecimento dos vínculos afetivos entre os discentes e docentes, através da aula de campo?

Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo destacar a importância da aula de campo e suas vantagens no ensino e aprendizagem de geografia, além de elencar as vantagens na aprendizagem da aula de campo; ressaltar a importância da aula de campo para os discentes; promover a interdisciplinaridade e integração dos docentes na aula de campo; e relacionar as dificuldades na realização das aulas de campo.

Em relação ao atual ensino de Geografia presente no âmbito escolar, acredita-se que a adoção de métodos tradicionais que causem baixo rendimento, desmotivação e somado a diferentes desafios socioeconômicos ocasionam prejuízos no aprendizado do aluno, tornando-se um desafio a ser vencido. Neste viés, existe uma necessidade de reformulação nas condições de ensino e a criação de melhores métodos de ensino e aprendizagem, que envolvam a motivação e proporcionem a possibilidade de os alunos enxergarem a geografia como uma disciplina transformadora, no que diz respeito a construção e desconstrução de conhecimento.

A pesquisa ganha relevância no âmbito social, pois trata dos aspectos socioeconômicos que envolvem o ambiente escolar, os métodos de ensino e aprendizagem e a didática profissional docente, visando apresentar por meio da aula de campo uma metodologia que possa contribuir com o fazer geográfico, dentro e fora da sala de aula, despertando a compreensão, integração, interação e pensamento crítico dos alunos.

No âmbito científico, a pesquisa torna-se importante por despertar o olhar crítico sobre o

ensino de geografia e as metodologias aplicadas. Dessa forma, a pesquisa busca por meio do método da aula de campo, proporcionar um estudo que ressalte a importância da interdisciplinaridade, possibilitando a discussão no espaço acadêmico sobre a necessidade de pensar e repensar as metodologias e didáticas utilizadas, bem como o uso de métodos inovadores que proporcionem a interação da teoria e prática.

A relevância pessoal e profissional se deu a partir das experiências pessoais obtidas durante as práticas de aulas de campo, realizadas durante a pós-graduação. Sendo assim, a pesquisa ganha relevância, pois pretende estimular professores e alunos, bem como sugerir soluções para os entraves e levantar discussões sobre o ensino de geografia nos tempos atuais.

2 METODOLOGIA

A metodologia aplicada na pesquisa parte do Método Hipotético-dedutivo, baseado na crença que o desestímulo do professor na aplicação da aula de campo, seria pela falta de apoio da direção, da coordenação escolar, dos demais docentes e a criatividade para ministrar diversos conteúdos fora da sala de aula, visando um processo de ensino e aprendizagem significativo.

Quanto aos objetivos, a pesquisa faz uso da análise descritiva e explicativa dos entraves existentes para a realização da aula de campo em geografia, acreditando ser possível estimular sua prática, através das vantagens existentes para a melhoria do ensino e aprendizagem, e sugerindo dicas para ministrar diversos conteúdos fora da sala de aula.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, pois visa mensurar a importância das aulas de campo no ensino de geografia, com o intuito de explicar e interpretar quais entraves do cotidiano do docente impede a sua realização com maior frequência. Nesse contexto, a pesquisa faz ainda

uso da análise e discussão de conteúdo.

Em relação ao levantamento de dados, o presente estudo utilizou-se de pesquisa bibliográfica e explicativa, levantando os principais conceitos sobre a aula de campo, realizando uma breve reflexão sobre o ensino de geografia, bem como elencando as vantagens e a importância para o ensino e aprendizagem da aula de campo no ensino de geografia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Breve Reflexão do Ensino da Geografia e seu Papel na Formação do Indivíduo

Buscando responder a problemática da pesquisa o presente artigo aborda o ensino da geografia e a formação do indivíduo mostrando ser necessário o desenvolvimento de novas metodologias que possam atender as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que visa o uso de metodologias ativas que contemplem a formação do indivíduo e seu cotidiano por meio de um pensamento crítico de sua realidade.

Conforme Klimek (2007), o pensamento crítico do indivíduo é constituído mediante seu convívio com o meio que o cerca.

Dessa forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), afirmam que o ensino de Geografia proporciona o conhecimento contextualizado entre homem e natureza, bem como suas ações e consequências sobre o meio natural, oportunizando grandes possibilidades de o aluno conceber seu próprio conceito a respeito da compreensão e da relação de sociedade e natureza (BRASIL, 1997).

Diante do exposto, Klimek (2007, p. 119) destaca que:

O ensino de Geografia deve possibilitar ao aluno a compreensão da realidade e instrumentalizá-lo para que faça leitura crítica, identifique problemas e estude caminhos para solucioná-los; mas para

isso é necessário que os alunos e o professor sejam parceiros na busca de conhecimento e saibam utilizá-los de forma a entender o espaço e analisá-los geograficamente para estabelecer relações, associações entre o lugar e o mundo.

Percebe-se, nesse sentido, que a Geografia tem um peso extraordinário na formação do cidadão, visto que a mesma possibilita várias percepções sobre um mesmo conteúdo abordado, levando o aluno à compreensão e à leitura crítica como mostra Castrogiovanni (2000, p. 152) ao citar que:

Com isso a Geografia pode sim desvelar (tirar véus), coisas que estão encobertas. Não no sentido de mostrar agora o lado 'real', 'correto' das coisas. Mas, simplesmente, mostrar que sempre há mais de uma leitura possível.

Se a Geografia é uma ciência que proporciona uma visão ampla do conhecimento, para Passerini (2007), o professor tem liberdade para ensinar o saber geográfico em várias facetas, fazendo uso de diversos recursos, entre eles, os que estão presentes no cotidiano do aluno, levando-o a fazer novas descobertas, como ocorrem com os métodos tecnológicos educacionais.

Santos (2001) frisa que aprender é diferente de ensinar, sendo que aprender é um processo que acontece com o aluno e do qual o aluno é o agente essencial. O autor ressalta ainda o papel do professor nesse processo, destacando que ele é o facilitador da aprendizagem de seus alunos, ou seja, o professor que não esteja preocupado em ensinar, mas sim em ajudar o aluno a aprender.

Nesse contexto, o professor apresenta-se como uma ferramenta fundamental, para que a mediação desse conhecimento se torne um pensamento crítico. Contribuindo com essa linha de pensamento, Pimenta e Lima (2009, p. 88), afirmam que o professor é uma "ferramenta fundamental na formação do ser humano, visto que ele prepara, desenvolve e forma o aluno para

atuar na sociedade".

Dessa forma, o professor é o meio pelo qual o aluno tem acesso ao conhecimento contextualizado, pois o professor só age como facilitador porque em sua formação adquire domínio de conhecimentos específicos de sua área, didática pedagógico-educacional e seus aportes para compreender o mundo (PIMENTA; LIMA, 2009).

Finalizando essa discussão, Brasil (2001) propõem que o professor mediante a essa formação profissional, ou seja, como facilitador no processo de busca do conhecimento, deve compreender que o conhecimento inicialmente parte do aluno devendo aproveitar introdutoriamente o conhecimento prévio para mediar sua aula. Sendo assim, cabe ao professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais.

Sendo assim, é importante frisar que a disciplina de Geografia é abrangente, contemplando fatores socioeconômicos e culturais, que refletem na sociedade. A Geografia não é uma disciplina decorativa e estática, pois a mesma analisa os fatos em suas circunstâncias e consequências contextualizadas, e busca refletir a compreensão dos acontecimentos, a fim de que propague possíveis mudanças dentro das esferas analisadas (BRASIL, 2001).

Brasil (2001) mencionam que o papel da Geografia é capacitar o aluno para que estabeleça valores e busque soluções para as circunstâncias e problemáticas sociais. O ensino de Geografia deve permitir ao discente, se conhecer no espaço geográfico como parte integrante e irremediável dele, justificando as atitudes antrópicas da menor à maior escala, montando um paralelo entre teoria e prática que coloque o aluno a par do contexto socioespacial, de modo que se perceba como parte e não apenas como

telespectador.

Considera-se, dessa forma, que o ensino geográfico precisa ter, assim como as demais disciplinas, um papel mais presente e constante no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, e não ser apenas mais uma disciplina que pode ser ministrada por qualquer professor que não tenha o conhecimento da área.

Entretanto, no contexto escolar é comum observarmos professores desmotivados com o ensino e aprendizagem dos alunos, que em muitos casos por falta de infraestrutura física e de material ou equipamentos são desfavorecidos pelo ambiente escolar, delimitado por quatro paredes, cadeiras enfileiradas, quadro negro, giz e métodos tradicionais contribuem bastante para uma convivência enfadonha e extremamente cansativa (PENTEADO, 2003).

Conforme Carvalho (2004), são diversos os motivos que dificultam o processo de ensino e aprendizagem, como, por exemplo, salas de aula lotadas, indisciplina, desvalorização do professor, carência de material e dificuldade para realizar atividades fora de sala de aula.

Por sua vez, Cavalcanti (2002) enfatiza que no final do século XX acontece o movimento de renovação da Geografia no ensino acadêmico e escolar, cujo objetivo era a formação de cidadãos críticos, éticos e participativos na sociedade. Neste sentido, Piletti (2006) destaca o surgimento de uma nova perspectiva de pensar e refletir sobre os conteúdos, além da valorização da interação social como um fator primordial de desenvolvimento intelectual e moral.

3.2 A Importância da Aula de Campo

No que diz respeito à prática do ensino de Geografia por meio da aula de campo, o estudo mostra que metodologia possibilita o processo de interação da teoria e prática promovendo um ensino mais contextualizado com a realidade do aluno permitindo ao docente diversificar sua aula e torná-la mais dinâmica e atraente.

Segundo Tradif (2002) a relação teoria e prática possibilita ao docente conhecer melhor quais são os métodos mais eficientes, e como trabalhar o conteúdo dentro e fora da sala de aula, trazendo para a realidade do aluno a importância e a aplicabilidade do conteúdo curricular em seu cotidiano.

Nessa perspectiva, é relevante elucidar que a Geografia apresenta características clássicas que marcaram o surgimento do conhecimento geográfico, com repercussão nas metodologias e práticas escolares incorporadas no ensino. Todavia, no decorrer da trajetória do ensino da Geografia, verifica-se que a adoção de didáticas inadequadas introduzidas à disciplina, causou uma visão simplista do conhecimento geográfico, atribuindo à mesma o rótulo de matéria decorativa e enfadonha (GONÇALVES, 2011).

Sendo assim, a partir dessas reflexões e observações que durante anos se tornaram objetos de discussões sobre o processo de ensino e aprendizagem da Geografia ministrados em sala, percebeu-se a necessidade de refletir sobre as novas metodologias a serem trabalhadas para ressignificar o trabalho dessa disciplina em sala de aula. Assim, dando início a busca de diferentes maneiras de fazer com que teoria e prática caminhassem lado a lado, fato que contribuiu para se determinar as novas metodologias para o fazer geográfico no ambiente escolar (NUNES, 2004).

Entre as várias metodologias disponíveis, destacase a aula de campo, que segundo Costa e Araújo (2012), são práticas e técnicas de ensinamento teórico e prático de importância singular para o aprofundamento do conhecimento, pois permitem observar as fases do aprendizado, revendo os conceitos teóricos e metodológicos, além de expressar o diálogo produzido em sala de aula. Sua aplicabilidade como instrumento de ensino e aprendizagem, contribui para o desenvolvimento da disciplina de Geografia, principalmente no tange à relação

teoria e prática.

Para o ensino de Geografia, o professor pode fazer uso de diversos recursos como filmes, músicas, internet, poesias para auxiliar no ensino e aprendizagem e aliar a uma metodologia renovada que promovessem o diálogo, críticas e reflexões discutidos e debatidos pelos alunos (BITTENCOURT, 2009).

A aula de campo surge como inovação da aula do professor, motivando o aluno a novos conhecimentos de forma prática e prazerosa, onde vivencia sensações e emoções que não encontraria em uma aula tradicional (SENICIATO; CAVASSAN, 2004).

Nesta perspectiva, as aulas de campo contribuem para uma melhor compreensão dos conteúdos, pois une a teoria da sala de aula com a prática da observação da paisagem, ampliando as possibilidades de entendimento e conhecimento do estudo geográfico, além de desenvolver as habilidades de identificar, despertar, distinguir e ampliar os conhecimentos adquiridos nas instituições de ensino (OLIVEIRA; ASSIS, 2009).

Essa metodologia se apresenta como inovadora, sendo uma ferramenta de análise e reflexão sobre a Geografia, possibilitando a capacidade de interagir com o conhecimento e com a vida em sociedade. Essas possibilidades permitem ao aluno experimentar e desenvolver outras inteligências que nem sempre são contempladas e incentivadas na sala de aula (FARINA; GUADAGUIN, 2007).

Gardner (1995) afirma que os indivíduos dispõem de oito inteligências, sendo elas: linguísticas, lógico-matemática, espacial, corporal cinestésica, musical, interpessoal, intrapessoal e naturalista e que cada indivíduo tem maior habilidade para desenvolver determinada inteligência. Baseando nessa afirmação, entendemos que a atividade de campo é uma ferramenta didático-pedagógica que irá auxiliar o ensino de Geografia,

desenvolvendo outras inteligências.

Para o ensino eaprendizado são necessárias metodologias diversificadas, e as aulas de campo contribuem para um aprendizado motivador e significativo, podendo ser ministrada com transversalidade nas disciplinas, criando um ambiente de informação, vivência participativa, e, acima de tudo, estreitando laços de afeição e familiaridade com o mundo estudado pela geografia e na relação aluno/professor, favorecendo um ambiente de ensino eaprendizagem voltado para o desenvolvimento da cidadania (PENTEADO, 2003).

As aulas de campo precisam se tornar práticas usuais no ambiente escolar pelos professores, podendo ser realizadas em espaços públicos, espaços externos da escola, podendo acontecer em diversas situações, além de proporcionar um ensino eaprendizagem significativos, possibilitando também aos alunos uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor (GOHN, 2006).

Assim, na aula de campo, o aluno estará em contato direto com o seu objeto de estudo, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativos. Diante disso, as possibilidades de interação ficam maiores e facilitadas (OLIVEIRA; ASSIS, 2009). Conseguindo expandir a construção do conhecimento, estimulando a criatividade e o raciocínio (STEFANELLO, 2009).

Para Passini (2007), as aulas de campo possibilitam projetos interdisciplinares, promovendo aos alunos à análise interdisciplinar. Por sua vez, Antunes (2008) cita que a grade curricular por disciplina nos apresentar os conteúdos disciplinares fragmentados. O trabalho em conjunto de vários professores favorecendo o desenvolvimento das múltiplas inteligências.

Portanto, as aulas de campo podem favorecer uma relação de afetividade entre aluno e professor, viabilizadas em um ambiente distinto

da escola, podendo haver asuperação de estereótipos entre os envolvidos, onde o professor encontra vias de aproximação, criando assim vínculos de afetividades, porém, com todas essas possibilidades pedagógicas positivas, sobre a Aula de Campo Freire (1996, p. 159-161), sabiamente nos alerta: “[...] não se pense que a prática educativa, vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria, da clareza política dos educadores e das educadoras”.

3.3 Aula de Campo como Recurso para o Ensino-Aprendizagem de Geografia

Quanto a aula de campo como recurso pedagógico pra o ensino e aprendizagem de Geografia, o estudo faz uma contextualização mostrando que o ensino ciência geográfica sofreu grandes mudanças para atender as necessidades de cada época histórica, sendo necessário o desenvolvimento de novas metodologias para tornar o ensino de geografia mais dinâmico.

Com o final do século XX e a chegada do século XXI, nota-se que a escola, em geral, e a Geografia, se depararam com um novo cenário motivado pela revolução técnico-científica-informacional, caracterizada pelas mudanças na organização do espaço e das relações de trabalho na sociedade, o que exige assim dos professores uma revisão nova da prática do ensino-aprendizagem (SANTOS, 1996).

Atualmente a escola se depara com uma crise no sistema educacional, com muitos problemas entre alunos e professores, relacionados, principalmente, à falta de interesse e indisciplina. Esses problemas se apresentam como uma das causas dos grandes entraves no processo de ensino e aprendizagem, desmotivando cada vez mais os docentes e alunos que em grande parte têm como recurso somente o livro didático (MUERNCHEN; AULLER, 2007).

Segundo Valle (2015), a crise na educação

brasileira foi estabelecida pelos problemas gerados por métodos classificatórios de avaliação, currículos fechados e falta de recursos, demateriais, de criatividade e motivação, tanto de professores como também de alunos, bem como o respeito e valorização das diversas ideias e opiniões.

Diante dessa crise, que vem ocorrendo na educação, fica difícil tornar o aprendizado em algo prazeroso, tornando-se assim, um desafio para o professor, pois a educação pode ser algo divertido e de grande interesse pelos alunos, mas ela precisa se adequar à nova sociedade (MUERNCHEN; AULLER, 2007).

Nesse sentido, Cassol (2009) relata que estamos numa era em que o livro didático deve ser um coadjuvante na aprendizagem, e que o docente deve promover práticas pedagógicas que levem os alunos a conceberem um conhecimento geográfico real, e não somente teorias e leituras que tornam a disciplina de Geografia enfadonha e decorativa.

Nesse contexto, Penteadado (1994) afirma que a escola é o lugar mais indicado para promover o ensino geográfico, a partir da conjugação das questões ambientais com as questões socioculturais. As disciplinas são os recursos didáticos através dos quais os conhecimentos científicos de que a sociedade já dispõe, são colocados ao alcance dos alunos.

Cassol (2009) menciona que só poderá ter uma noção sócio-político-cultural e econômica o educando que souber, literalmente ou por lógica, o físico-racional geográfico. Nessa perspectiva, a educação escolar somente será validada no momento em que todos os componentes de uma comunidade escolar, souberem o que fazem no mundo e o que é o mundo para eles. Por isso, o aluno precisa sair do universo da sala de aula e ter contato com o meio que o cerca.

Diante dessa problemática que ocorre no sistema educacional, enfraquecida por metodologias que já não atraem mais o interesse

dos alunos, questiona-se: O que fazer para melhorar as aulas e tornar os alunos mais interessados pelo conteúdo e mais participativos?

Respondendo a esse questionamento, Cassol (2009) apresenta algumas atividades que podem ser usadas nas práticas pedagógicas, substituindo assim o livro didático e o giz por vários recursos pedagógicos como: a aula de campo, visita técnica, aulas na cozinha, no riacho, no mato, alunos sentados no gramado, recriando ambientes, criando espaços de novidades e curiosidades, entre outros, sendo que essas atividades podem ser sugeridas pelos próprios alunos.

Sato (2004) define que as modernas atividades educacionais clamam por mudanças de valores, atitudes e responsabilidades com o ambiente. Essa sensibilização ocorre, principalmente, através de observações diretas, do contato e da imersão na natureza. Salienta-se que há uma maneira mais barata e viável com a promoção dessas atividades, que despertam bastante interesse dos alunos, nas áreas próximas das escolas.

Nesse sentido, Ribeiro e Castro (2010), ressaltam que essas mudanças exigiram dos docentes uma busca cada vez mais constante por meios de ensino que despertem o interesse dos alunos pelo aprendizado significativo e contextualizado, participando e interagindo em seu processo de construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, a inter-relação ensino e prática devem estar presentes na abordagem das questões ambientais em diversos segmentos do ensino, incluindo os cursos tecnológicos e superiores, para que não haja desinteresse dos alunos por este tema, dada a sua importância para a humanidade (RIBEIRO; CASTRO, 2010).

Reforçando essa relação, Vygotsky (2002) vê o aprendizado como um processo profundamente social, pois enfatiza a importância do diálogo (interação), da linguagem e da cultura no

desenvolvimento cognitivo.

Partindo dessa concepção, Cavalcanti (2002) afirma que o ensino de Geografia tem como finalidade básica de ação, trabalhar o aluno juntamente com suas referências adquiridas na escola e sistematizá-las em contato com a sociedade, com o cotidiano, para assim criar um pensar geográfico que leve em consideração a análise da natureza com a sociedade, como essas se relacionam e quais as dinâmicas resultantes desse relacionamento.

Dessa forma, Brasil (1998) apresenta o estudo da Geografia como possibilidade dos alunos compreenderem sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação à sociedade, aos valores humanos ou à natureza, têm consequência (tanto para si como para a sociedade). Partindo desse pressuposto de que a Geografia e o ensino em geral necessitam de novas metodologias de ensino e aprendizagem que visem relacionar teoria e prática, pode-se citar a aula de campo como instrumento de grande relevância.

No que diz respeito a aula de campo, Lopes e Bolfe (2013), afirmam que essa é uma ferramenta que utiliza a metodologia do empirismo para obter seus resultados, sendo assim, sua contribuição ao ensino de Geografia parte da observação in loco. Sobre essa atividade, Tomita (1999, p. 13) esclarece:

Dentre várias técnicas utilizadas no ensino de Geografia, considera-se a aula de campo uma atividade de grande importância para a compreensão e leitura do espaço, possibilitando o estreitamento da relação entre a teoria e a prática. O alcance de um bom resultado parte de um planejamento criterioso, domínio de conteúdo e da técnica a ser aplicada.

Souza e Chiapetti (2012), frisam que utilizar a aula de campo como uma estratégia no ensino de Geografia é uma forma significativa de integrar os

conteúdos ministrados pelos professores, visto que o mesmo proporcionaria a compreensão da realidade vivida pelos alunos e a apreensão de outros espaços geográficos externos ao seu cotidiano, ampliando as fontes de conhecimentos que os levam à reflexão e à tomada de consciência sobre a organização do seu espaço geográfico.

Nota-se, dessa forma, que a aula de campo se torna uma importante ferramenta, pois proporciona possibilidades de práticas aos alunos e uma ilustração, além de garantir o contato direto com a natureza, como, por exemplo, o contato com o solo, o relevo, os biomas, o clima e a parte histórica daquele local.

Nesse sentido, Marcos (2006, p. 106) enaltece a importância da prática dessa ferramenta no ensino da Geografia, mencionando-a como recurso didático no processo de ensino aprendizagem.

Penso que a maior parte dos geógrafos concorde com o fato de que a ida a campo seja um instrumento didático e de pesquisa de fundamental importância para o ensino e pesquisa da/na Geografia. Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que teoria se torna realidade, se 'materializa' diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa 'excursão recreativa' sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento.

Ainda, sobre a importância do planejamento dessa atividade, Rodrigues e Otaviano (2001, p. 37) mencionam:

Um trabalho de campo para ser significativo em termos de aprendizagem necessita ser preparado e realizado seguindo certos critérios. No planejamento de um trabalho de campo, considera-se três momentos

fundamentais e imprescindíveis: a preparação; a realização; resultados e avaliação.

Por fim, nesse processo de planejamento da aula de campo, ressalta-se o papel do professor, que irá criar espaços para que os alunos compreendam e interpretem a realidade, através da leitura crítica do espaço. Sua função, segundo Vygotsky (1991), é a de mediador, na produção do conhecimento novo, como aponta a teoria sócio-histórico-cultural, e não a de mero transmissor de conhecimento, pois o bom senso do professor saberá distinguir o que, destas considerações teóricas prévias, pode ser ou não aplicável aos seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando responder aos objetivos, a pesquisa ressalta, conforme as literaturas analisadas, que um dos principais obstáculos que os estudantes enfrentam são as aulas teóricas que, na maioria das vezes, são cansativas, decorativas e enfadonhas. A aula acaba se concentrando, na maior parte do tempo, no livro didático, o que deixa o conhecimento em parte descontextualizado.

No entanto, quando essa aula é mediada a partir da utilização da aula de campo, proporcionando a relação da teoria com a prática no ensino de Geografia, percebe-se que a mesma torna-se mais dinâmica e interessante, pois os alunos passam a contextualizar os conceitos teóricos com o objeto de estudo. Essa relação de teoria e prática, permite que o aluno desenvolva melhor sua compreensão sobre os conhecimentos geográficos, uma vez que ele passa a ser mais participativo nas aulas.

Dessa forma, ao ressaltar a importância da aula de campo e suas vantagens no ensino e aprendizagem de geografia, a pesquisa mostra que a aula de campo permite ao discente o contato com a aplicação prática dos conteúdos aprendidos em sala de aula, por isso, a mesma é

de fundamental importância como ferramenta no processo ensino-aprendizagem, e, assim, estabelecendo um apoio e auxílio na condução da aula.

O desenvolvimento da aula de campo proporciona uma interação entre o ensinamento teórico e prático, o que é de fundamental importância para o aluno aprofundar seu conhecimento e expressar seu pensamento crítico em sala de aula. Outro fator importante da aula de campo como metodologia de ensino da Geografia é o interesse e o entusiasmo dos alunos em participar das aulas, visto que essa metodologia quebra as barreiras do ensino tradicional, abrindo margem para um ensino mais dinâmico e atrativo, e ainda contribui para que os mesmos possam conceber um entendimento melhor sobre o conteúdo estudado.

Quanto a elencar as vantagens da aprendizagem na aula de campo, a pesquisa evidencia que a mesma proporciona uma quebra de paradigma entre o ensino teórico e prático, pois leva o aluno a desenvolver seus próprios conceitos e, aos docentes, a recriarem seus métodos de aprendizagem. Dessa forma, a estratégia educacional da aula de campo contribui na construção de um novo olhar sobre o conteúdo da sala de aula.

No que tange ressaltar a importância da aula de campo para os discentes, a pesquisa revela que a prática político-pedagógica da mesma promove, no educando, um senso crítico a partir da consciência ambiental compreendida pelo processo histórico e social. A prática dessa metodologia produz no aluno uma abertura maior para ele formular e conceber seus próprios conceitos, gerando também novas indagações a respeito do que ele espera estudar.

No que se refere a promover a interdisciplinaridade e integração dos docentes na aula de campo, a pesquisa ressalta que se o ensino de Geografia for conduzido dessa forma,

através de metodologias que atraiam o aluno a aprender, estará então, contribuindo para formar alunos com percepção ambiental e pensamento crítico a serviço da cidadania, pois o ensino geográfico proporciona uma visão do todo ao aluno, que passa a conciliar o saber geográfico com as demais disciplinas e áreas de ensino.

Quanto às dificuldades na realização das aulas de campo, cabe mencionar a importância dessa prática metodológica, que precisa ser pensada, planejada, obedecendo aos passos de preparação, realização, análise dos resultados e avaliação da prática. Deve-se considerar ainda a abertura dos docentes para pôr em prática o novo, pois é fundamental sair da rotina da aula tradicional e apreender coisas novas. Outro fator é a disponibilidade da escola em buscar medidas de promover meios para que os professores possam realizar essas determinadas aulas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. Inteligências Múltiplas e seus Jogos. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- BITTENCOURT, C. M. F. Procedimentos Metodológicos do Ensino de Geografia. Ensino de História: Fundamentos e Métodos. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- BRASIL, S. E. F. Parâmetros curriculares nacionais: Geografia. MEC: Brasília, 1998.
- BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – PCN. Geografia: temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – PCN. História e Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. 4. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
- CARVALHO, O. Elementos favorecedores e inibidores da criatividade na prática docente,

- segundo professores de geografia. Dissertação (Mestrado em Educação). Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2004.
- CASSOL, A. D. C. A Geografia saindo da sala de aula para o mundo. Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo (SME/PF). ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DO ENSINO EM GEOGRAFIA, Anais [...], Porto Alegre, 2009.
- CASTROGIOVANNI, A. C. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de Geografia na pós-modernidade. In: REGO, N. Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Editora Artmed, 2007.
- CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. Geografia. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.
- CAVALCANTI, L. de S. Geografia e práticas de ensino. Goiânia: Editora Alternativa, 2002.
- COSTA, E. S. S.; COSTA, M. G. S. P. O nível de conhecimento e o grau de desinteresse do aluno da EJA de uma Escola Estadual em Araguaína. Revista Querubim, Tocantins, ano 11., n. 27., v. 02., 2015.
- COSTA, M. N. G.; ARAÚJO R. P. A importância da visita técnica como recurso didático metodológico. Um relato na prática do IF Sertão Pernambucano. In: CONGRESSO NORTE E NORDESTE DE PESQUISAS E INOVAÇÕES, 3, 2012, Palmas, Tocantins. Anais [...], Palmas, 2012.
- FARINA, B. C.; GUADAGUIN, F. Atividades práticas como elementos de motivação para aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática. Porto Alegre: Editora Artmed, 2007.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. (Coleção Leitura). São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- GARDNER, H. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1995.
- GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Rio de Janeiro: Editora Ensaio, 2006.
- GONÇALVES, A. R. A Geografia escolar como campo de investigação: história da disciplina e cultura escolar. Revista Bibliográfica de Geografía Y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona. v. 16., n. 905., 2011.
- KLIMEK, R. L. C. Como aprender Geografia com a utilização de jogos e situações problema. In: PASSINI, E. Y.; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- LOPES, C. L. C.; BOLFE, S. A. Trabalho de campo no ensino da Geografia. In: RODRIGUES, R. V.; BOEIRA, C. S.; BROD, A.; CARON, M. dos S. (orgs.). O PIBID no URI III. v. 2., Porto Alegre: Frederico Westphalen, 2013.
- MARCOS, V. Trabalho de Campo em Geografia: Reflexões sobre uma Experiência de Pesquisa Participante. In: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84., p. 105 – 136, 2006.
- MUENCHEN, C.; AULER, D. Configurações curriculares mediante o enfoque CTS: Desafios a serem enfrentados na educação de jovens e adultos. Revista Ciência & Educação, São Paulo, v. 13., n. 3., p. 421-434, 2007.
- NUNES, A. R. S. C. A. O Lúdico na Aquisição da Segunda Língua. Disponível em: <http://www.linguaestrageira.pro.br/artigos_papers/ludico_linguas.htm>. Acesso em: 03 dez. 2019.
- OLIVEIRA, C. D. M. de.; ASSIS, R. J. S. de. Travessia da Aula de Campo na Geografia Escolar: a necessidade convertida para além da fábula. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 35., n. 1., pp. 195-209, 2009.
- PASSERINI, G. A. O estágio supervisionado na formação inicial do professor de Matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em Matemática da UEL. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007.
- PASSINI, E. Y. Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

- PENTEADO, H. D. Meio ambiente e formação de professores. São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- PENTEADO, H. D. Meio Ambiente e Formação dos professores. São Paulo: Editora Cortez, 1994.
- PILETTI, C. Didática Geral. 23. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência. 4. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- RIBEIRO, S. R.; CASTRO, E. B. O zoológico da UFMG como ferramenta para o ensino da biodiversidade. Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental, Rio Grande do Sul, v. 24., 15 p., 2010.
- RODRIGUES, A. B.; OTAVIANO, C. A. Guia metodológico de trabalho de campo em geografia. Revista Geografia, Londrina, v. 10., n. 1., p. 35-43, 2001.
- SANTOS, M. A natureza do espaço. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- SANTOS, M. Por uma Geografia nova. 4. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SANTOS, S. C. O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor- aluno: aplicação dos “sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior”. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 8., n. 1., 2001.
- SATO, M. Educação Ambiental. São Carlos: Editora RiMa, 2004.
- SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. Aulas de campo em ambiente naturais e aprendizagem em ciências: um estudo com alunos do ensino fundamental. Revista Bauru: Ciência e Educação, São Paulo, v. 10., p. 133-147, 2004.
- SOUZA, S. O.; CHIAPETTI, R. J. N. O Trabalho de Campo como estratégia ao ensino de Geografia. Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, v. 3., p. 3-22., 2012.
- STEFANELLO, A. C. Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Geografia. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.
- TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- TOMITA, L. M. S. Trabalho de Campo como instrumento de Ensino em Geografia. Geografia: Revista do Departamento de Geociências, Londrina, v. 8., n. 1., p. 13-15., 1999.
- VALLE, J. F. A Crise Educacional. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/articulistas/outrosEducacao_artigo.asp?artigo=jucelia>. Acesso em: 03 dez. 2019.
- YVGOSTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- YVGOSTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 2002.